

Mau Aluno

Relatório recente do Banco Mundial denunciou o espetacular atraso do Brasil no terreno dos indicadores sociais — uma *performance* inferior apenas à de Honduras e Serra Leoa. Em outros tempos, esses índices poderiam ser utilizados por quem quisesse pregar a instalação de um socialismo à brasileira, como solução para os nossos males. Mas não precisa haver contradição alguma entre economia de mercado e avanços sociais — como acaba de explicar, em entrevista ao JORNAL DO BRASIL, o técnico do Bird que acompanha a evolução da economia brasileira. Muito pelo contrário: pode (e deve) haver entre esses termos uma relação de causa e efeito.

O israelense Michael Michaely vê nos investimentos sociais um dos exemplos gritantes de defasagem entre o Brasil e os *tigres asiáticos*. Países como a Coréia do Sul — ele enfatiza — investiram pesadamente na educação básica; e é esse investimento que muda a qualidade da força de trabalho.

Isso tanto acelera o processo de desenvolvimento como cria a necessidade de melhores salários. A esquerda ideológica, no Brasil, faz dos “salários de fome” um de seus cavalos de batalha. Há, realmente, uma quantidade colossal de brasileiros vivendo com salários que os colocam abaixo do nível da pobreza. Ao trabalhador que não tem qualificação alguma, entretanto, sempre será mais fácil recusar um salário condigno.

Ao investimento em educação teria de somar-

se uma transformação equivalente nos serviços de saúde. Mas é evidente que o projeto educacional tem um impacto direto no dinamismo da sociedade. A esse respeito, a situação brasileira ainda não permite o mais remoto otimismo. Vê-se a persistência de velhos equívocos — como o compromisso quase total do plano federal com a educação superior, em detrimento do ensino básico.

Nem mesmo os cortes drásticos efetuados em todo o funcionalismo parecem ter afetado esse estado de coisas. Não houve revisão séria no sistema de ensino superior. Ao contrário, optou-se por um aumento de vagas nessa área — o que não atende a qualquer necessidade premente; e parte-se, agora, para a diminuição das exigências no exame vestibular, como forma de preencher as “vagas ociosas”.

Isto significa prejudicar o sistema educativo pelas duas pontas. O aluno de classe média continuará a freqüentar de graça as escolas superiores, que vão cair de nível; e a criança pobre continuará fora da escola, pela deficiência crônica do ensino público, pela ausência de bons professores, etc.

Isso não constitui apenas o caso mais gritante de injustiça no projeto democrático brasileiro: é, também, indício de monumental cegueira em relação aos fatores que podem decidir os destinos do país. É um quadro tão grave que torna difícil entender por que razão se mantém, num governo que veio para abrir as portas da modernidade. A da educação continua bloqueada.